

# Mudança cultural



GILMARFELIX

CORA DIAS

Falta de cultura empreendedora. Para o deputado federal Newton Lima Neto (PT-SP), eleito em 2010, esse é o principal gargalo no desenvolvimento de Ciência e Tecnologia (C&T) no Brasil. Industrialização tardia e importação de tecnologia são, até hoje, motivos de atraso do país nessa área. Essa mentalidade é refletida no Congresso Nacional, onde há constante migração de recursos de C&T para outras áreas. Carregando as experiências de ex-reitor da

Universidade Federal de São Carlos e de ex-prefeito, Lima Neto está prestes a integrar a Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara, para defender o investimento no setor. O deputado recebeu Locus em Brasília para falar sobre a atuação do governo, do setor privado e das universidades no desenvolvimento tecnológico do país. Entre as principais ideias que defende, está convicto de que a Finep precisa ser transformada em um banco público da inovação.

**Locus: A que fatores se podem atribuir os últimos avanços brasileiros na área de Ciência e Tecnologia?**

Primeiro, uma decisão do governo brasileiro de colocar o tema da inovação na ordem da política nacional. Depois, a decisão dos empresários de também ter a inovação como meta, das universidades em mudar sua cultura e da imprensa em dar mais atenção a esse tema.



**Locus: Qual o papel do governo no desenvolvimento da C&T?**

Eu diria que é reconhecido o esforço do ministro Sardenberg ainda no governo Fernando Henrique Cardoso, com o lançamento dos livros Branco e Verde. Na verdade, esse movimento começa com Irma Passoni, como deputada federal, quando fez, dentro da Câmara, um grande movimento, que culminou na elaboração de um relatório que fazia uma radiografia do atraso da ciência e tecnologia – da inovação nem se falava direito no Brasil –, ainda na década de 90. Mas, particularmente no governo Lula, o tema tomou uma dimensão muito maior. Em primeiro lugar, por que o conselho nacional passou a funcionar de uma maneira absolutamente ativa. O então presidente pediu ao Ministro Sérgio Rezende que fizesse o PAC da Ciência e Tecnologia, que foi feito. Os marcos legais avançaram: foi no governo Lula que tivemos a Lei da Inovação e a Lei do Bem. E, sem dúvida alguma, a Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP), de 2008, que também colocou diretrizes e metas importantes para o desenvolvimento da inovação no parque industrial brasileiro. Além do aporte de R\$ 41 bilhões ao setor que o governo fez nesses últimos quatro anos. A 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, que aconteceu no ano passado, registra esses avanços.

**Locus: Qual a função das empresas nesse processo?**

O setor produtivo de capital nacional

percebeu que, para competir no comércio exterior, precisava de uma ousada ação empresarial na área da inovação. Temos aqui um fator curioso: a participação do setor privado brasileiro avançou proporcionalmente em investimentos em C&T. Antes, devemos registrar o notável aumento da proporção do PIB investida em C&T, que passou de 0,9%

 O setor público ainda investe duas vezes mais que o setor privado em C&T, o que difere o Brasil dos países mais desenvolvidos. 

para 1,4% (ainda estamos aguardando o número final) – isso somando o investimento de setor público e do setor privado. Se há 10 anos a participação nesses investimentos era da ordem de 90% do poder público e 10%, do privado, hoje, essa relação já é de 2/3 e 1/3, respectivamente. Houve uma evolução, mas, mesmo assim, o setor público ainda investe duas vezes mais que o setor privado, o que difere o Brasil dos países mais desenvolvidos, onde essa relação é exatamente o oposto. As entidades do setor começam ou intensificam cada vez mais a discussão da inovação. Por exemplo, a criação pela Confederação Nacional da Indústria da Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI). O próprio Instituto de Estudos de Desenvolvimento Industrial (IEDI) ter alçado o tema da inovação como prioridade absoluta da entidade. A Anprotec cada vez mais se consolidando no segmento de parques tecnológicos e incubadoras de empresas, importante impulsionadora do desenvolvimento desses centros de produção do conhecimento tecnológico, de alto valor agregado. É dessa forma que estamos mudando o panorama de pesquisa, desenvolvimento e inovação do cenário brasileiro.

**Locus:** *Como ex-reitor da Universidade Federal de São Carlos, de que forma o senhor vê a atuação da academia no desenvolvimento da inovação?*

Como ex-reitor, nós no passado tínhamos um verdadeiro tabu em torno da relação universidade e empresa. É bem verdade que essa relação se caracteriza bem mais por serviço do que por desenvolvimento, por inovação propriamente dita, mas hoje as universidades já estão bem mais abertas. Não só para as tecnologias sociais, mecanismos em que avançamos muito, mas também para as tecnologias produtivas. Já há um conjunto importante de universidades em parceria com grandes instituições. A mudança de comportamento das universidades, que usam suas fundações internas para promover esse casamento, é digna de registro. A relação entre essas fundações de apoio interno às universidades e os órgãos federais foi regulamentada.

**Locus:** *A maioria dos pesquisadores brasileiros está nas universidades, produzindo conhecimento. Como transferir a tecnologia da academia para o setor produtivo?*

A Lei da Inovação tem esse objetivo, mas precisa ser revista. Na medida em que o



A proximidade entre a academia e o setor produtivo precisa ter mais incentivos, para melhorar ainda mais essa via de mão dupla.



governo oferece uma bolsa e abre espaço para as empresas receberem PhDs e isso não acontece com a intensidade necessária, é fundamental que a gente reavalie. Além disso, estamos com uma proporção muito baixa de engenheiros entre formandos, o inverso do que acontece na Coreia do Sul e na China. Nesse mo-

mento que o Brasil cresce a 7,5%, as empresas estão demandando engenheiros. Recursos humanos é um problema importante de maneira geral. Em especial, a relação de proximidade entre a academia e o setor produtivo precisa ter mais incentivos, para melhorar ainda mais essa via de mão dupla.

**Locus:** *Nesse sentido, como preservar a propriedade intelectual da universidade?*

Essa discussão é como um círculo vicioso, a gente não consegue rompê-lo. Como é possível o entrave estar no salário dos professores, regido por legislação rígida de tempo integral? Os professores precisam necessariamente ter um regime de trabalho de não dedicação exclusiva, para poder auferir recursos, ou fazê-lo em função do direito autoral. Direito autoral, de maneira geral, ainda está pouco definido, até na arte e na cultura, quanto mais nesse setor universitário. Esse é um tema sobre o qual devemos nos debruçar.

**Locus:** *Qual o principal gargalo nesse processo?*

O Congresso Nacional, eu diria, é o ponto falho nesse processo. Nós não conseguimos ainda ter uma cultura sobre a importância estratégica da ciência, tecnologia e inovação para a construção do Brasil quinta potência mundial. A ponto de nós termos visto, com frequência, nas comissões de orçamento, a migração de recursos da C&T para a área de turismo, por exemplo, como aconteceu no final do ano passado. O tema ciência, tecnologia e inovação deve estar mais presente na agenda do Congresso Nacional, particularmente na Câmara Federal. Precisamos organizar grandes eventos, chamar as entidades, fazer workshops, demonstrar aquilo que o Brasil produz, onde a gente tem know how. Dificuldades e gargalos devem ser tratados para fortalecer essa área, que é estratégica ao desenvolvimento.

**Locus:** *Por que o Congresso ainda não percebeu a importância dessa área?*



É um assunto relativamente novo e o Brasil não tem cultura disso. Nossas empresas importavam tecnologia, pacotes fechados. Nós nos acostumamos a isso. Falta uma cultura industrial. Estamos transformando a cultura universitária, estamos transformando as tecnologias sociais. Hoje a gente já fala de acessibilidade ao conhecimento, para as comunidades mais carentes melhorarem suas atividades econômicas. É um processo muito recente no Brasil e precisamos intensificá-lo, porque o conhecimento, como nós sabemos, cresce exponencialmente. É preciso que sejam exponenciais também a capacidade e a consciência do Executivo e do Legislativo nessa direção.

**Locus:** *Apesar de estratégico para o desenvolvimento do país, o orçamento do MCT sofre cortes significativos.*

*Como o senhor analisa essa situação?*

Precisamos de outras soluções, que não o Orçamento Geral da União. Precisamos fortalecer os Fundos Setoriais, a destinação de recursos expressivos do pré-sal, mais no futuro. Além disso, defendo transformar a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) em banco, para que nós possamos ter uma instituição financeira para a inovação. Como inovação é risco, não dá para o responsável ser o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (Bndes), que analisa expansão industrial tradicional e, ao mesmo tempo, vê com os mesmos olhos a análise de proposta de crédito de financiamento a atividades que envolvem alto risco, como a inovação. A Finep, então, seria transformada em uma instituição financeira, o que é bom também porque sai das restrições do superávit primário. Ela poderá como instituição financeira ter mais liberdade, mais recursos e fomentar mais. Quando fui conselheiro da Finep, percebi que a relação de demanda para oferta de recursos era da ordem de sete para um.

Retirando daí 20% de projetos que não eram bons, mais aventuras do que projetos, a gente tem uma relação de cinco para um. Portanto, é preciso capitalizar a Finep em, no mínimo, cinco vezes. Isso para atender a demanda, mas se a gente

 **O conhecimento cresce exponencialmente. É preciso que sejam exponenciais também a capacidade e a consciência do Executivo e do Legislativo nessa direção.** 

quer incentivar mais precisa de mais recursos ainda. E você tendo um banco público, uma espécie de Bndes da inovação, nós vamos ter um mecanismo permanente de fazer o financiamento prévio, que é aquilo que os empreendedores vão precisar para poder colocar em linha de produção suas ideias.

**Locus:** *Qual o papel dos parques tecnológicos e das incubadoras de empresas nesse processo?*

Eu vejo o movimento de parques e incubadoras como algo absolutamente vital para o país alcançar o estágio que quer. Porque essas empresas que saem das universidades e que os parques tecnológicos e incubadoras promovem são empresas de capital nacional e de inteligência nacional. A capacidade da nossa produção intelectual é muito elevada. As incubadoras e os parques são indispensáveis nessa relação. A ideia de parques público-privados precisa vicejar, se a gente quiser cortar caminho na transferência do conhecimento tecnológico para o setor produtivo. Sem dúvida nenhuma, é empolgante ver os jovens empreendedores de tecnologia de ponta, quando se instalam na incubadora ou no parque. Com infraestrutura compartilhada, logística, diminuição de custos, a gente diminui a taxa de mortalidade das pequenas empresas brasileiras do conhecimento. 